

2.

Tendências Interpretativas

2.1.

O tema do retorno em Jl 2,12-18 e o *yôm* YHWH

O tema do retorno é um dos temas centrais do livro de Joel. Jl 2,12-18 apresenta um quadro teologicamente significativo: diante da situação de penúria e calamidades, YHWH, por meio do profeta, convoca a comunidade para um sincero “retorno” que possibilitará a reversão da sorte de Judá-Jerusalém. O texto utiliza uma linguagem de exortação: “com todo o coração”, isto é, uma total reorientação de vida para YHWH, de um modo verdadeiramente novo.⁵ Esse texto tem, como pano de fundo, a manifestação divina no seu *yôm*, caracterizada pela ação salvífica de YHWH dirigida ao povo de Judá-Jerusalém. Os dois temas estão entrelaçados e, estudados dentro de uma perspectiva unitária, permitem que sejam abordados de forma mais clara. Assim, neste capítulo, apresentar-se-á um breve estudo sobre a interpretação do “retorno” em Jl 2,12-18 e do “*yôm* YHWH” no livro de Joel.

2.1.1.

O retorno como uma forma de arrependimento

O retorno a YHWH, no livro de Joel, foi interpretado como um arrependimento do povo de Judá-Jerusalém em função de um pecado implícito,

⁵ Este contexto tem semelhança com a teologia deuteronomista, enquanto, na temática, parece estar dependente da profecia de Ezequiel. Como objeto do tema, no entanto, Joel seria herdeiro de Ezequiel. O retorno é baseado na proclamação profética (cf. Ez 33,1-20; 18,21-32; 3,20-21). A diferença de Ezequiel está no fato de que Joel nunca descreve qualquer transgressão, da qual Jerusalém precisasse se afastar. Enquanto o deuteronomista, em Ezequiel, lamentava a apostasia da Torá mosaica, para o profeta Joel, retornar seria necessário porque a autossuficiência cúlrica da comunidade teria despertado a palavra profética do *yôm* YHWH, dirigida contra Jerusalém. Isto motivaria para uma ação simbólica, o “rasgar dos corações” (Jl 2,13), mas não das vestes (cf. H. W. WOLFF, *Joel and Amos, A Commentary on the Books of the Prophets Joel and Amos*. Philadelphia: Fortress Press, 1977, p. 13).

compreendido de diversas maneiras.⁶ Este retorno indicaria uma total reorientação para YHWH, que se daria dentro de um contexto de uma liturgia penitencial. Um apelo insistente da parte de YHWH, feito através do profeta, enfatiza a necessidade do retorno do povo.⁷

Mesmo não nomeando a realidade do pecado, há uma urgência em relação ao ato do arrependimento, mencionando inclusive gestos rituais. Tais práticas não são suficientes para um autêntico retorno, pois se faria necessário um envolvimento mais profundo e sincero do povo.⁸

A ação litúrgica teria a função de comunicar a comunidade sobre o caráter de YHWH, com seus atributos de bondade e de misericórdia, mesmo diante do pecado. Para a reunião solene, no monte Sião, toda a comunidade é convocada, sem exceções. Os sacerdotes, como representantes do povo, são orientados pelo profeta sobre o modo de conduzir a liturgia. O gesto litúrgico é uma síntese entre os ritos, as orações e as súplicas, imbuídos de um verdadeiro desejo de conversão.⁹

O desejo de YHWH é o sincero retorno, isto é, o redirecionamento na totalidade da vida. Embora, muitas vezes, o povo tenha ignorado a identidade e a vocação distintas, a ação divina sobre a comunidade impele e motiva uma transformação radical. Em Jl 2,12-14, existe a menção da possibilidade do retorno de YHWH para o povo, caracterizada pela bênção e prosperidade dos dons da terra. Em Jl 2,18, declara-se que YHWH se enche de zelo por sua terra e se comove por seu povo, indicando que, também existe um retorno divino, uma nova orientação diante da situação de penúria e desolação vivida pelo povo.¹⁰

⁶ Alguns estudiosos concordam que a situação de penúria e calamidade poderia ser identificada como a ação de YHWH, por causa da condição de pecado não explícito do povo, no livro de Joel (cf. H. W. WOLFF, *Joel and Amos*, 1977; B. C. BIRCH, *Hosea, Joel and Amos*, Louisville: Westminster John Knox Press, 1997; D. PRIOR, *The Message of Joel, Micah and Habakkuk, Listening to the voice of God*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1998).

⁷ O verbo “שָׁבֵב” teria a função de lembrar ao povo o quanto ele tem se afastado de YHWH e como se dá o agir divino. Ele sabe como é estar próximo de YHWH, ou longe, como exatamente estão vivendo no momento. De forma mais particular, o povo conhecia YHWH por meio de suas experiências anteriores (cf. D. PRIOR, *The Message of Joel*, p. 52).

⁸ Cf. B. C. BIRCH, *Hosea, Joel and Amos*, p. 144-149.

⁹ Cf. H. W. WOLFF, *Joel and Amos*, p. 6-9.

¹⁰ Segundo D. Prior (*The Message of Joel*, p. 53), YHWH deseja um retorno sincero, mas o povo deve “rasgar seus corações” (cf. Jl 2,13), ou seja, realizar uma completa reorientação em sua vida, que permitirá ser de “coração para coração”. Esta expressão refere-se ao “primeiro e maior

Desta forma, o retorno pôde ser entendido como a transformação contrita da condição de pecado do povo e, ao mesmo tempo, como uma resposta positiva de YHWH à conversão. A situação de penúria seria uma iniciativa da vontade do próprio YHWH, como um convite que possibilitaria um contexto favorável para um retorno a Ele. Algo difícil de ser entendido, pois YHWH teria punido a fim de provocar a reação do povo, pela conversão, para então se manifestar benignamente?

2.1.2.

O retorno como pedido de ajuda diante das adversidades

O profeta realizara uma convocação solene, na qual a comunidade deveria voltar para YHWH pelo desejo de ouvir sua palavra, num contexto de dificuldade, diante de uma situação adversa e, não propriamente, por arrependimento de um pecado cometido.¹¹

Mesmo diante do apelo para voltar a YHWH, valendo-se dos gestos rituais de jejum, lágrima e lamento, a motivação de uma assembleia litúrgica não estaria ligada a um pecado praticado pelo povo.¹² Na convocação do profeta não estaria implicada uma culpa, mas a volta do povo para YHWH se caracterizaria por um pedido de ajuda, na iminência de um tempo de dificuldade, na certeza de que YHWH é compassivo e misericordioso, lento na ira e pleno de amor, que se compadece da desgraça. O profeta vislumbraria diversos desastres, na certeza de que sempre haverá uma solução, pois, lamentar e jejuar, voltando-se para YHWH com um pedido de socorro, já seriam atos suficientes.¹³

mandamento”: “amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu espírito” (Mt 22,37).

¹¹ Cf. J. BARTON, *Joel and Obadiah, a Commentary*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 76-84.

¹² A convocação para retornar para YHWH em Jl 2,12-14 não se realiza por causa de uma atitude de arrependimento do povo, mas por um sincero retorno para YHWH como a única fonte de ajuda em época de crise. O chamado ao lamento serve para despertar em Judá-Jerusalém a sua dependência em um Deus fiel e salvador (cf. G. S. OGDEN, “*Joel 4 and Prophetic Responses to National Laments*”. In: *JSOT* 26 [1983], p. 105). Um exemplo importante na literatura deuterocanônica, que poderia ser comparado ao livro de Joel, seria Jud 4,9-15, contexto no qual diante de uma ameaça estrangeira, o povo de Judá, suplica a YHWH por libertação.

¹³ Cf. D. E. GOWAN, *Theology of the Prophetic Books, The Death and Resurrection of Israel*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1998, p. 180-187.

Aos sacerdotes caberia a função de intermediários entre YHWH e o povo, pois expressariam, através do ritual de lamentação, uma esperança de reversão da situação desfavorável para a comunidade.

Este contexto de dificuldade foi considerado como ação do próprio YHWH, na qual o profeta associa as desgraças ao *yôm* YHWH. Assim, nos dois primeiros capítulos do livro de Joel, o *yôm* YHWH foi tido como um tempo de desgraça para Judá-Jerusalém. No entanto, não há qualquer razão ou justificativa, no contexto do livro, que pudesse indicar um motivo para o sofrimento do povo. Mesmo assim, de acordo com a fala do profeta, não se deve cair em desespero, pois ele acredita que a intenção última de YHWH é trazer a bênção ao seu povo. Esta certeza está presente no centro do livro (cf. Jl 2,12-14), e desenvolvida nos dois últimos capítulos (cf. Jl 3-4).¹⁴

- Síntese

Na primeira tese, o profeta convoca o povo para realizar um retorno sincero, reforçando a necessidade do reconhecimento da culpa e de um arrependimento, mesmo sem denominar que tipo de pecado foi cometido. O retorno para YHWH viria acompanhado de gestos de penitência e lamento, marcando a importância de um arrependimento profundo. O profeta coloca, nas mãos dos sacerdotes, a responsabilidade de interceder, diante do templo, em favor do povo. Este não protesta contra um ritual vazio ou exterior, mas enfatiza que um ritual de lamentação deverá envolver a pessoa por inteiro.

Na segunda tese evoca-se a importância de se voltar a YHWH, quando se vive uma realidade de dificuldade e ausência de esperança. O profeta conclama o povo para um retorno, não por um pecado cometido, mas para suscitar o desejo de ouvir a palavra de YHWH num tempo de carência e penúria. Pode-se entender o sentido do retorno, como a confiança que a comunidade expressa, em voltar-se

¹⁴ Segundo D. E. Gowan (*Theology of the Prophetic Books*, p. 183), para o profeta há um só Deus e a ameaça de culto sincrético nunca é considerada. Ele usa uma forma de reconhecimento de Ez 20,5-20, combinada com o monoteísmo explícito de Is 44,6: “Sabereis que Eu estou no meio de Israel e que Eu, YHWH, sou o vosso Deus e não há outro” (cf. Jl 2,27).

para YHWH, reconhecendo seus atributos de bondade e misericórdia, aguardando sua resposta positiva.

Dentro do contexto do livro de Joel, pode-se ressaltar, nesta segunda tese, uma nova proposta de compreensão para o sentido do verbo “שׁוּב”¹⁵, que significaria “voltar” para YHWH pela necessidade de sua ação favorável diante de uma crise, mais do que “retornar” para YHWH por causa de um pecado praticado.¹⁵

2.2.

A culpa do povo de Judá-Jerusalém

2.2.1.

Idolatria

Joel é apresentado como um profeta cultural, que utilizaria a ocasião de uma praga de gafanhotos para chamar a atenção de seus ouvintes para a participação em ritos de choro e lamentação pela morte de *Baal*, o deus da fertilidade cananita. No tempo do festival do Ano Novo, ao celebrarem a ressurreição de *Baal* e a conseqüente volta da agricultura fértil, o profeta teria proferido seus oráculos, declarando então a existência de um motivo real para chorar e lamentar, uma vez que os gafanhotos haviam destruído toda a plantação e as festividades cúlticas seriam marcadas por uma verdadeira lamentação, pois, ao invés do júbilo e da alegria, haveria somente devastação e penúria. A invasão dos gafanhotos representaria um sinal de que o *yôm* YHWH seria iminente, porque se praticava um culto a outro deus, ao invés de YHWH. No entanto, tal situação poderia ser revertida, se acontecesse o arrependimento, acolhendo o anúncio do profeta. O *yôm* YHWH, então, significaria bênção e prosperidade para Judá-Jerusalém e aniquilamento para outras nações.¹⁶

Numa compreensão semelhante, Joel seria visto como um profeta do templo de Jerusalém, que suplicaria para que o povo deixasse o culto a *Baal* e

¹⁵ Cf. D. E. GOWAN, *Theology of the Prophetic Books*, p. 182-183.

¹⁶ Cf. A. S. KAPELRUD, *Joel Studies*. Uppsala: Universitets Arsskrift, 1948, p. 23.

retornasse a YHWH.¹⁷ A invasão dos gafanhotos seria vista como uma severa punição imposta ao povo, pela violação da aliança com YHWH.¹⁸ Uma vez que o povo retornasse com fidelidade à aliança, isto é, restabelecesse o culto somente a YHWH, haveria novamente a bênção pela chuva e uma agricultura abundante. Dentro deste contexto, procura-se entender a insistência na convocação do retorno, junto ao povo, pois o culto judaico teria se tornado altamente sincrético pela influência do culto cananeu.

Assim, o livro de Joel refletiria a mesma oposição dos profetas pré-exílicos quanto ao culto sincrético, que prestava igualmente adoração a YHWH e a outros deuses, ao mesmo tempo em que se mostrava permeado pela mensagem profética.¹⁹

2.2.2.

Autossuficiência do povo e rituais vazios

Por detrás da proclamação profética de Joel, residiria uma forte crítica à comunidade firmemente estabelecida, que se tinha tornado orgulhosa, no cumprimento da lei, entendendo assim que, sua piedosa autossuficiência já havia motivado a palavra profética sobre o *yôm* YHWH. O profeta reprovava a comunidade, por se considerar autossuficiente no cumprimento dos planos de YHWH. Para o profeta, a comunidade ainda não simbolizava uma concretização verdadeira da palavra de YHWH para Israel. Assim, o profeta enfatizaria a mensagem profética ainda não realizada sobre o *yôm* YHWH, proferindo uma

¹⁷ G. W. Ahlström dá ênfase à expressão שָׁבַר עֲרִי (cf. Jl 2,12), entendendo ser a ira divina uma resposta à idolatria e sugerindo que o povo estivesse seguindo outra divindade (cf. J. L. CRENSHAW, *Joel, A New Translation with Introduction and Commentary*. New York: Doubleday, 1995, p. 134).

¹⁸ G. W. Ahlström (*Joel and the Temple Cult of Jerusalem*. Leiden: Brill, 1971, p. 26-34) porém admite que a praga de gafanhotos denotaria um pecado contra a ideologia da aliança e cita Dt 28,38. Segundo L. A. Fernandes (*O Yôm YHWH em Joel 2,1-11, um estudo temático em Joel e o seu influxo no Dodekapropheton*. Roma: PUG-Roma, 2008, p. 48), no escrito de Joel não há algum aceno direto a uma violação dos níveis da aliança, sintetizados no decálogo.

¹⁹ Cf. G. W. AHLSTRÖM, *Joel and the Temple Cult of Jerusalem*, p. 21- 34. Com uma opinião diversa de Ahlström, O. Loretz (*Regenritual und Jahwetag in Joelbuch*. Altemberge: CIS-Verlag p. 77-94), não encontra em Joel sinais de um culto a *Baal*, como deus da chuva, mas percebe o vestígio de um ritual cananeu, preservado em Israel, para persuadir YHWH a mandar a chuva necessária para fecundar os campos, pois, a seca foi o real problema do livro.

palavra extremamente dura, contra uma comunidade que já sentia assegurada sua própria salvação. A praga de gafanhotos e a seca, situações de profundo prejuízo para a comunidade, seriam evidências suficientes para mostrar que o povo estaria sendo punido por sua autossuficiência. Segundo o profeta, a história da salvação ainda não teria alcançado o seu pleno cumprimento no culto de Jerusalém, necessitando esperar pela ação de YHWH para realização desta palavra profética.²⁰

Outra tese sugere que o profeta teria protestado contra um ritual externo excessivo e uma autossuficiência no culto, por parte da comunidade. Joel, obviamente, possuía uma atitude positiva em relação ao culto público, mas protestaria contra uma tendência do povo de se mostrar satisfeito com os rituais externos, desprezando a palavra divina, proclamada pelos profetas. Na voz do profeta a convocação para “rasgar os corações e não as vestes”, certamente, seria uma dura crítica na valorização dos rituais externos, ao mesmo tempo em que, pediria os gestos rituais de vestir-se de sacos, o jejum, o pranto e o lamento. Estes gestos rituais não funcionavam simplesmente como formas de culto público, mas, significavam demonstração de obediência e devoção a YHWH.²¹

Outra interpretação denotaria a mensagem do profeta direcionada especificamente à instituição cültica. O profeta se mostraria crítico em relação aos sacerdotes do templo de Jerusalém, pois, diante da situação de catástrofe experimentada pelo povo, eles teriam abdicado de sua liderança no culto. O pecado subjacente à convocação ao arrependimento seria endereçado exclusivamente aos líderes religiosos. Dentro da concepção do profeta, a falha em manter o funcionamento do culto teria propiciado a ausência dos sacrifícios no templo. Seria necessário, então, que os líderes religiosos assumissem, novamente, sua habitual posição na realização do culto, intercedendo a YHWH, em favor da comunidade.²²

²⁰ Cf. H. W. WOLFF, *Joel and Amos*, 1977, p. 12-13.

²¹ Cf. G. WANKE, “Prophecy and Psalms in the Persian Period”. In: W. D. DAVIES-L. FINKELSTEIN, *The Cambridge History of Judaism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 174- 177.

²² Cf. P. D. REDDITT, “The Book of Joel and Peripheral Prophecy”. In: *CBQ* 48 (1986), p. 225-240.

- Síntese

A ênfase na praga de gafanhotos no livro de Joel seria um sinal de severa punição contra o povo, pelo culto prestado a outro deus ao invés de YHWH. Na primeira tese, o profeta entenderia a praga de gafanhotos como um sinal da iminência do *yôm* YHWH, pelo culto a *Baal*. Na segunda, o profeta vê a praga de gafanhotos como uma punição pela infidelidade à aliança com YHWH. No entanto, nas duas teses, o profeta reforça a necessidade do retorno para YHWH, para se abrir uma possibilidade de reversão da situação.

Todavia, seguindo outra leitura, o pecado do povo estaria vinculado à noção de que a própria comunidade compreendia a si mesma como salva, prescindindo da palavra profética. Assim, o profeta reprovava o comportamento da comunidade, por já se sentir plenamente realizada no cumprimento da lei, desprezando a palavra profética. Dentro desta compreensão, a praga de gafanhotos e a seca seriam instrumentos usados para alertar o povo quanto a sua autossuficiência.

Nesta última interpretação, o profeta dirigiria sua reprovação, especialmente, aos sacerdotes, considerando-os negligentes quanto ao seu serviço no templo. Os sacerdotes formavam a instituição responsável pela intercessão do povo junto ao templo. Não exercendo devidamente sua função, eles teriam falhado em manter o funcionamento habitual do culto, ocasionando a ausência das oferendas no templo. Assim, o profeta novamente os convoca para reassumir seu lugar no templo, a fim de interceder junto a YHWH em favor do povo.

O profeta estaria dirigindo seu chamado somente aos sacerdotes. Estes, na verdade, são mencionados especificamente em Jl 2,17. Mas, esta referência pode sugerir que o profeta estivesse escolhendo alguns entre toda a comunidade. Além disso, o v. 16 mostra que o chamado de Joel para retornar a YHWH se refere ao povo todo, já que toda a comunidade deve se reunir para uma assembleia cúlrica.²³

²³ Cf. R. SIMKINS, *YAHWEH's Activity in History and Nature in the Book of Joel*. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 1991, p. 171-190.

2.3.

Silêncio sobre o pecado

2.3.1.

Motivo litúrgico

Diante do silêncio sobre o pecado e da impossibilidade de se encontrar uma justificativa para o sofrimento do povo, procura-se entender porque o profeta convocaria o povo para se arrepender, sem mencionar um motivo concreto. O silêncio sobre o pecado poderia ser explicado pela possibilidade de o livro ter sido escrito em sua forma original, como um texto litúrgico, que atenderia aos serviços de lamento nacional, utilizados por toda a comunidade.²⁴ Pelo fato de não se especificar uma determinada transgressão, tornaria possível a aplicação do texto litúrgico a diversas ocasiões, onde fosse necessário usá-lo.²⁵

Também se poderia argumentar que a insistência do profeta, em pedir ao povo o seu engajamento, num jejum comunitário e numa liturgia de lamentação, seria motivada pela ausência de qualquer razão que explicasse porque YHWH estaria permitindo tanto sofrimento. Embora houvesse uma convocação geral para um gesto de arrependimento, sem excetuar qualquer segmento da comunidade, o profeta confrontaria o povo para retornar para YHWH, na esperança de despertar a compaixão divina. Segundo esta concepção, haveria um completo silêncio do início ao final do livro em relação às ofensas específicas que causariam a separação de YHWH e seu povo. Esta, provavelmente, seria a causa da situação de catástrofe em Judá-Jerusalém. Assim, afastar-se do pecado seria impossível, na medida em que não se teria conhecimento de qualquer pecado cometido, mas voltar para YHWH em oração e súplica, ainda poderia ser uma solução para os males sofridos.²⁶

²⁴ Cf. T. E. McCOMISKEY, *The Minor Prophets, An Exegetical and Expository Commentary*. Michigan: Grands Rapids, 1992, p. 280-281.

²⁵ Cf. B. C. BIRCH, *Hosea, Joel and Amos*, p. 144-145.

²⁶ Cf. J. L. CRENSHAW, *Joel*, p. 189.

2.3.2.

A ênfase na resposta do povo

Dentro de um contexto de pecado não explícito, no qual não se retrataria o porquê ou do quê o povo deveria se arrepender, o profeta congregaria a comunidade para uma assembleia sagrada. Os sacerdotes, como representantes da comunidade, suplicariam por uma bênção de YHWH, simbolizada em ofertas de grãos e libação de vinho, a fim de mudar a situação de devastação causada pelos gafanhotos. Diante deste quadro de penúria e destruição, o profeta não enfatizaria a questão do pecado cometido, que justificasse tal sofrimento, mas realçaria a importância da resposta dada pelo povo à catástrofe natural. Portanto, segundo esta tese, o profeta não intencionaria realizar um julgamento sobre o povo e nem estaria interessado em explicar suas transgressões, mas seu interesse maior residiria na resposta do povo à promessa de salvação vinda de YHWH. Sua ênfase seria colocada na participação do povo no culto; seu retorno sincero seria equiparado aos ritos de jejum, de pranto e de lamento, e outros ritos religiosos. Deve-se ressaltar que em momento algum o profeta menciona o julgamento ou a ira de YHWH sobre o povo, ao realizar sua convocação ao arrependimento.

Portanto, dentro deste contexto, voltar para YHWH não significaria “arrepender-se dos pecados”, mas honrar e mostrar obediência através de ritos religiosos adequados, pois seu perdão e sua redenção nunca estariam em dúvida.²⁷

2.3.3.

A “embriaguez” como pecado implícito

No livro de Joel reside um grande mistério sobre a natureza dos pecados do povo que levariam a considerar a praga de gafanhotos e as ameaças do julgamento divino como uma punição de YHWH. Embora todo o povo fosse convocado a se arrepender, não há no texto qualquer menção ou explicação para as transgressões, ou qualquer suposta violação em relação à aliança, ou mesmo a

²⁷ Cf. R. SIMKINS, *Yahweh's Activity in History*, p. 171-190.

algum motivo que provocasse sanções contra a comunidade. No entanto, em Jl 1,5, a embriaguez seria mencionada como motivo de condenação, embora esta referência apareça apenas como uma ilustração ao ataque dos gafanhotos, relatado no versículo anterior (cf. Jl 1,4).²⁸

- Síntese

Segundo a tese do silêncio sobre o pecado, no livro de Joel não existiria a menção de um pecado específico, que pudesse explicar a causa dos males sofridos pelo povo de Judá-Jerusalém. Parte-se da hipótese de que o livro seria, em seu escrito original, um texto litúrgico que atenderia aos serviços gerais de um ritual de lamentação penitencial destinado para toda a comunidade. Mesmo concordando com a hipótese sobre o silêncio do pecado, a tese sugere que o profeta convoca o povo para se engajar num ritual de lamentação, justamente por desconhecer o motivo, pelo qual o povo estaria sofrendo. Neste contexto de carência de bens e de vida precária, ainda seria válido pedir ao povo para retornar a YHWH com a intenção de despertar a sua compaixão.

Diante de um pecado implícito, o profeta teria convocado a comunidade para se reunir numa assembleia penitencial, sem dar particular atenção às transgressões do povo. O profeta não tenta explicar os possíveis pecados, porque seu interesse estaria no modo de como o povo responderia ao apelo para retornar a YHWH. A diferença residiria em não ressaltar o arrependimento, porque o perdão de YHWH nunca estaria em jogo, mas o povo deveria mostrar total obediência a Ele, através dos ritos religiosos condizentes.

O livro de Joel também reserva um silêncio absoluto sobre o pecado do povo, que poderia explicar a praga de gafanhotos e as ameaças do julgamento divino, como uma punição de YHWH. Mesmo assim, todo o povo é convocado a se arrepender, sem a menção de um pecado em particular. No entanto, em Jl 1,5, a “embriaguez” aparece referida com reprovação, através de uma expressão

²⁸ Cf. T. E. McCOMISKEY, *The Minor Prophets*, p. 280.

imperativa, pedindo para despertar e chorar, podendo justificar a situação do convite ao lamento.

2.4.

Os grupos de teses sobre o *yôm* YHWH

O tema do retorno, no livro de Joel, está diretamente ligado ao *yôm* YHWH. De certa forma, não há como entender os elementos subjacentes que perpassam todo o escrito sem compreender como de fato o *yôm* YHWH se apresenta. O livro enfatiza fortemente a temática do *yôm* YHWH, como tema central.²⁹ Nenhum outro testemunho do AT dá a este tema um tratamento tão detalhado e específico. Cada seção deste livro pode ser entendida como uma contribuição para o tema que se apresenta ao longo de toda obra de Joel (cf. Jl 1,15; 2,1.11; 3,4; 4,14).³⁰

O estudo do *yôm* YHWH, no livro de Joel, pode ser apresentado em forma de quatro questões: a) a relação da praga de gafanhotos nos cc. 1–2 e o *yôm* YHWH; b) a relação entre as calamidades relatadas nos cc. 1–2 e a sua reversão temática nos cc. 3–4; c) a natureza e o papel do *yôm* YHWH para o conjunto do escrito; d) a dimensão temporal presente no anúncio do *yôm* YHWH em Joel.

A primeira parte do livro (cf. Jl 1–2) contém dados sobre uma carestia ocasionada pela praga de gafanhotos e sobre uma lamentação. O conteúdo é, comumente, aceito como uma palavra de juízo contra Judá-Jerusalém. A segunda parte traz uma reversão e a temática do *yôm* YHWH é inserida num contexto de promessas salvíficas com o derramamento do espírito e o julgamento das nações inimigas (cf. Jl 3,1–4,21).³¹

A bênção derramada sobre Judá-Jerusalém restabelece a sorte da nação e afirma a supremacia do governo de YHWH em Sião, não permitindo que o povo e YHWH sejam ridicularizados por outros povos (cf. Jl 2,17).

²⁹ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 54.

³⁰ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 41-46.

³¹ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 43.

A orientação crítica para o sentido do anúncio do *yôm* YHWH, em Joel, busca justificar a relação que possuem a primeira e a segunda parte do livro. De maneira geral, busca-se saber se o *yôm* YHWH, que é descrito nos dois primeiros capítulos, seria o mesmo, ou outro *yôm*, ou ainda uma simples reversão da ordem temática nos dois outros cc. 3–4. Parece não ser suficiente afirmar que o *yôm* YHWH passe de um “oráculo de condenação” para um “oráculo de salvação”. Neste sentido, torna-se necessário refletir sobre questões “guias” para estabelecer a centralidade do anúncio deste *yôm* no escrito como um todo. Desta forma, buscar-se-á não criar dicotomias na temática do livro de Joel.

Algumas linhas interpretativas serão apontadas a seguir em três grupos de teses, para uma melhor orientação da pesquisa: 1) a praga de gafanhotos e o *yôm* YHWH; 2) um exército inimigo e o *yôm* YHWH; 3) a seca e o *yôm* YHWH.

2.4.1.

A praga de gafanhotos e o *yôm* YHWH

*a) Uma real invasão de gafanhotos como ocasião precursora para a elaboração da mensagem de Joel*³²

A partir de uma real praga de gafanhotos, Joel elabora sua mensagem, anunciando uma nova invasão, comparando-a a um exército sob o comando de YHWH. Por meio desta invasão, YHWH estaria entrando em julgamento contra os habitantes de Judá-Jerusalém, ou seja, quer suscitar um verdadeiro arrependimento e uma sincera conversão. A praga de gafanhotos revelaria, além do ato de julgamento, o poder de YHWH sobre a criação. Somente Ele poderá restaurar o solo, mandar as chuvas e restabelecer a vida da região.

A situação de carestia seria um momento oportuno para o profeta atestar que YHWH é o verdadeiro Deus da fertilidade e não *Baal*, e que a fertilidade do solo não dependeria das forças divinas da natureza ou dos deuses cananeus. A invasão de gafanhotos serviu, desta forma, para aumentar o sentido do anúncio do

³² Cf. S. R. DRIVER, *The Book of Joel and Amos*, p. 10.26.49-58.

yôm YHWH e, ao mesmo tempo, conduzir os judaítas para um autêntico culto, purificando-os dos elementos sincréticos.³³

O profeta prevê que, com a sincera atitude de conversão por parte do povo, acontecerá uma mudança de orientação na temática: o afastamento dos males e a destruição dos inimigos. Porém, torna-se obscura a razão que considerou Judá-Jerusalém culpada a tal ponto de sofrer punições. A idolatria ou o sincretismo não explica os sofrimentos recebidos, porque não condiz com o contexto apresentado pelo livro.³⁴

*b) A praga de gafanhotos e o yôm YHWH constituem o mesmo evento*³⁵

Segundo esta tese, não existiria uma dicotomia entre a praga de gafanhotos e o *yôm* YHWH na mensagem de Joel. O *yôm* YHWH denotaria que o profeta reconhece, na devastação provocada pela invasão de gafanhotos, uma calamidade que vem do próprio YHWH. Seria, portanto, um ato divino que denunciaria uma crise nas relações, onde YHWH estaria insatisfeito com Judá-Jerusalém. A praga de gafanhotos seria apresentada como os inimigos que vem do norte (cf. Jl 2,20). Por meio destes inimigos, YHWH julgaria a sua terra. Para aqueles que se convertem, tais inimigos não prevalecem. A conversão do povo viria por meio do culto de submissão e adoração a YHWH. Para o profeta, o *yôm* YHWH é um evento na e da história da criação. Ele espera que seu povo seja salvo, ouvindo o anúncio e convertendo-se de “todo coração”, pela prática de um culto penitencial. Somente desta maneira, o povo poderá encontrar libertação da situação de penúria e da ameaça estrangeira.³⁶

*c) O yôm YHWH como uma segunda descrição da mesma praga dos gafanhotos*³⁷

O c. 2 de Joel apresentaria o *yôm* YHWH como uma segunda descrição da

³³ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 24.

³⁴ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 25.

³⁵ Cf. R. SIMKINS, *Yahweh's Activity in History*, p. 96.

³⁶ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 26-27.

³⁷ Cf. J. BARTON, *Joel and Obadiah*, p. 11-13.68-70.

mesma praga de gafanhotos do c. 1. A primeira descrição corresponderia ao passado e a segunda ao futuro. O inimigo descrito continuaria sendo uma referência à praga mencionada e não deveria ser entendida como um exército real e nem apocalíptico.³⁸

A praga que devastou o país foi entendida como um julgamento precursor de YHWH, um sinal de alerta de uma futura visita divina, que ocasionaria um ajuste de contas. Na concepção do profeta, o arrependimento seria justamente a compreensão da mensagem divina para evitar um castigo ainda maior. Portanto, esta consciência traria, ao invés do castigo, a bênção, que restauraria os frutos da terra. A autêntica conversão alimentaria no povo a esperança de um futuro promissor: haveria a retomada dos sacrifícios no templo, a restauração da comunhão entre o povo e YHWH e a fecundidade do solo. Desta forma, o *yôm* YHWH não precisaria ser entendido como apocalíptico ou escatológico.³⁹

2.4.2.

Um exército inimigo e o *yôm* YHWH

a) *A invasão de gafanhotos lida como precursora de um exército inimigo*⁴⁰

Segundo esta tese, Jl 1 e 2 referem-se a uma real invasão de gafanhotos que se tornaria imagem precursora de uma genuína invasão de um exército inimigo. Este se manifestaria por ocasião do *yôm* YHWH ou seria um novo *yôm* YHWH.

A ação dos gafanhotos, de certo modo, poderia ser entendida como um acontecimento natural. Estes agem de forma incontrolável, surgindo em grandes enxames, devastando a agricultura e consumindo toda a vegetação à sua frente.

Esta ação devastadora ocasionaria um comprometimento na subsistência dos seres humanos e dos animais, privaria a comunidade dos bens da terra e

³⁸ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 27.

³⁹ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 28.

⁴⁰ Cf. J. D. NEWSOME Jr., *The Hebrew Prophets*. Atlanta: John Knox Press, 1984, p. 184.

impossibilitaria a realização do ofício no culto, pela ausência das ofertas no templo.

Pela ação natural da praga de gafanhotos, não haveria *a priori* uma implicação moral, pois, tal ação seria considerada como parte dos ciclos naturais de atuação destes insetos. Por outro lado, através desta ação, aconteceria a ausência dos meios de subsistência da comunidade e, dentro de uma cultura religiosa, emergiria facilmente a ideia de uma provável falta cometida, talvez um pecado, diante de uma crise.⁴¹

A mudança da situação se daria na medida em que a comunidade voltasse a cultivar a terra e esperasse as chuvas. Também há a possibilidade de um pecado cometido causar a necessidade de se voltar para YHWH, suplicando seu perdão, na expectativa de seu agir favorável.⁴²

A ação de um exército seria um acontecimento humano que extrapolaria a ordem natural. Ele agiria, invadindo e devastando tudo o que encontrasse pela frente. O resultado desta ação militar colocaria em jogo a existência de cada povo atacado. O exército invasor, neste sentido, poderia ser descrito como uma praga de gafanhotos, que demonstra seu poder subjugando outra nação, aniquilando-a ou demonstrando a superioridade de suas divindades.

Deste modo, argumentou-se que a profecia de Joel seria uma alegoria pós-exílica, baseada na invasão babilônica, mesclando os temas da deportação, destruição de Jerusalém e do seu templo, assim como da futura reconstrução nacional em todas as esferas.

A relação entre a catástrofe natural e a invasão inimiga seria fruto de uma leitura deuteronomista da história, como uma prova dos crimes de Manassés e da reforma empreendida por Josias. Porém, com a falta de dados suficientes para determinar tais leituras sobre os acontecimentos históricos, seria difícil comprovar essas hipóteses, uma vez que o escrito de Joel não apresenta uma datação precisa.⁴³

⁴¹ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 29.

⁴² Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 29-30.

⁴³ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 31-32.

2.4.3.

A seca e o *yôm* YHWH

a) A seca como elemento precursor do *yôm* YHWH⁴⁴

Esta tese enfatiza uma severa e forte seca que teria provocado as situações de carestias, decorrente de um intenso período sem chuvas. A seca teria sido a ocasião propícia para o anúncio do *yôm* YHWH em Jl 2,1-11.

Esta compreensão intenta distanciar-se das linhas interpretativas anteriores, no que se refere à invasão dos gafanhotos como ocasião para o anúncio do *yôm* YHWH e de todo o escrito de Joel.⁴⁵

A descrição da chegada e ação do inimigo e os textos referentes ao *yôm* YHWH seriam introduzidos e elaborados, em Jl 2,1-11, com a intenção de dar um significado escatológico à catástrofe histórica da seca. Portanto, a bênção sobre todo o povo, como resposta positiva de YHWH, estaria simbolizada na chegada da chuva, na renovação dos campos, garantindo a subsistência de todas as espécies (cf. Jl 2,21).

Não haveria um vínculo entre as catástrofes naturais e o *yôm* YHWH, mas entre as catástrofes provocadas pela seca e a invasão de gafanhotos. Entende-se que Joel teria visto nos terríveis efeitos da seca um sinal precursor para proclamar sua mensagem sobre o *yôm* YHWH, numa linguagem escatológica, mostrando desta forma, o fruto e o resultado de uma invasão inimiga. Em sua mensagem, a seca serviria como uma metáfora capaz de traduzir o estado desolador em que o país teria ficado, depois de uma ação avassaladora. Desta forma, concilia-se o contexto da seca ao do exército inimigo.

Esta tese pode parecer confusa, pois não explica como a invasão inimiga e a praga de gafanhotos se justapõem ao problema da seca em forma metafórica. A temática do *yôm* YHWH permanece como um simples elemento secundário, sugerindo que tenha sido acrescentado com a finalidade de transformar a

⁴⁴ Cf. O. LORETZ, *Regenritual und Jahwetag*, p. 137-138.

⁴⁵ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 34-35.

mensagem histórico-metafórica da seca e da praga de gafanhotos num prenúncio escatológico.⁴⁶

b) O yôm YHWH e os efeitos atmosféricos⁴⁷

Esta tese sobre o *yôm* YHWH consideraria o ciclo das estações como elemento fundamental para compreensão do livro. O ministério do profeta teria se desenvolvido entre o final do período da seca e a chegada do período das chuvas na Palestina. A evidência para a questão climática estaria refletida nos temas das colheitas, das chuvas e da seca. Estes temas apresentam-se a partir das duas estações do ano agrícola: o inverno chuvoso e o verão sem chuvas (cf. Jl 1,4-7.10-12.18-20). O período de transição entre as duas estações seria marcado por uma tempestade trazida pelo vento seco do leste desértico, também conhecida como “siroco”; e uma tempestade de chuvas que viria do oeste, trazendo vida às pastagens e irrigando o solo para o plantio. As chuvas de inverno normalmente produziram boas colheitas para todo o verão, pastagens suficientes e água para os pequenos rebanhos sobreviverem até o próximo inverno. O “siroco”, apesar da ameaça e desconforto que traz, seria um sinal de que as primeiras chuvas de outono estariam a caminho.⁴⁸ No entanto, se o “siroco” soprar por longo período, poderá impedir o vento oeste de trazer as chuvas do Mediterrâneo, comprometendo o suprimento de água para enfrentar o verão.⁴⁹

Dentro deste quadro, o texto de Joel não pretende afirmar que se está diante de uma invasão de gafanhotos e nem de um ataque de um exército inimigo, conduzido por YHWH, contra Judá-Jerusalém. Na compreensão do profeta, uma poderosa tempestade de vento leste estaria a caminho de Jerusalém, capaz de produzir um cenário de nuvens escuras de poeira, com ruídos como o de estalar do fogo e com movimentos semelhantes a implacáveis guerreiros angélicos. A tempestade é apresentada numa linguagem altamente metafórica, como a vinda do próprio YHWH irado ao lado de seu exército. O profeta identifica este “siroco”,

⁴⁶ Cf. L. A. FERNANDES, *O Yôm YHWH em Joel 2,1-11*, p. 36.

⁴⁷ Cf. K. S. NASH, “Cycle of Seasons in Joel”. In: *TBT* (1989), p. 74-80.

⁴⁸ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 36.

⁴⁹ Cf. K. S. NASH, “Cycle of Seasons in Joel”. In: *TBT* (1989), p. 74-75.

com o iminente *yôm* YHWH e descreve a tempestade como uma teofania em que YHWH levanta sua voz num grito de batalha (cf. Jl 2,1-11), conduzindo o vento “siroco” como uma forma de julgamento contra sua terra e seu povo.⁵⁰ O profeta, com a intenção de mostrar aos seus ouvintes o poder de YHWH sobre a natureza, convoca uma assembleia penitencial, na esperança de que YHWH demonstre piedade e compaixão sobre seu povo (cf. Jl 2,18-19).⁵¹

Considerando ainda o ciclo agrícola, o *yôm* YHWH assim seria entendido, dentro de um contexto proto-apocalíptico, devido aos elementos associados aos eventos naturais e humanos presentes no livro de Joel.⁵² As imagens cósmicas do escurecimento do sol e das estrelas e a cor avermelhada da lua antecedem o dia do julgamento das nações e sugeriria um cenário de cunho apocalíptico.

O *yôm* YHWH é reconhecido, na tradição profética, como um dia de punição contra as nações inimigas do povo eleito ou mesmo contra Judá e Israel (cf. Am 5,18-20; Is 2,12-13; Sf 1,3). Esta imagem teria, como pano de fundo, a experiência do vento seco e quente, vindo do leste. Os efeitos climáticos deste fenômeno podem ser comparados às imagens teofânicas do livro de Joel: o sol ficaria obscurecido, assim como as estrelas, a lua tomaria uma coloração avermelhada, pois a poeira e os destroços distorcem a visão do céu. Tais fenômenos seriam baseados nos ciclos naturais da terra e lidos, teologicamente, como a vinda de YHWH no seu *yôm*, que, simultaneamente, puniria os que praticam a maldade e protegeria os justos.

2.4.4.

Uma interpretação conciliadora⁵³

Levando em consideração o conjunto do escrito de Joel em três tempos, a saber: penúria, súplica e resposta favorável, a temática central não estaria na

⁵⁰ L. A. FERNANDES (*O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 36-37) observa que o pensamento de K. S. Nash, sobre o ciclo agrícola na Palestina, leva à conclusão de que o *yôm* YHWH se identifica com o vento siroco; porém faltam fundamentos, nesta tese, para se admitir uma ação punitiva de YHWH contra Judá-Jerusalém.

⁵¹ Cf. K. S. NASH, *The Palestinian Agricultural year and the Book of Joel*. Michigan: The Catholic University of America, 1989, p. 93.

⁵² Cf. M. A. SWEENEY, *The Twelve Prophets*, p. 150-151.

⁵³ Cf. M. A. SWEENEY, *The Twelve Prophets*, p. 151-154.

penúria ou na atitude relacionada à súplica, mas a ênfase se daria na formulação da resposta de YHWH diante das crises que Judá-Jerusalém enfrenta, provocados pelas ameaças de índole natural e humana (cf. Jl 2,15–4,21).

Diferente da tese anterior, o vento leste, comumente chamado siroco, não seria considerado um elemento destruidor, mas constituiria a base da resposta na aplicação do julgamento de YHWH perante as crises que o povo estaria experienciando.

Se por um lado, em Jl 1,2-20, traduz as motivações para uma convocação litúrgica em Jerusalém, a fim de suplicar a YHWH a libertação da praga de gafanhotos que ameaça e torna impossível a subsistência do povo; por outro, em Jl 2,1-14, reside um forte motivo para uma nova convocação litúrgica (cf. Jl 2,12-14): a súplica pela libertação de uma ameaça ainda maior, isto é, a ação destrutiva de um exército invasor (cf. Jl 2,1-11).

De acordo com esta tese, poder-se-ia constatar as duas ameaças como eventos interligados e inseparáveis na visão do profeta, que proclama a vinda do *yôm* YHWH. Este *yôm* resume a situação de crise existencial e desencadeia uma teofania salvífica, manifestada pela ação do siroco, com elementos da própria histórica salvífica.⁵⁴

A força do vento leste, entendida como ameaça às colheitas e à subsistência dos povos, seria, então, compreendida como sinal da ação favorável de YHWH. Por esta ação estaria a resposta da súplica diante da crise agrícola e também a libertação de Israel frente à invasão inimiga, pois uma tradição sobre a ação divina pelo terrível vento leste, tornou-se, alternadamente, um símbolo tanto da punição, quanto da restauração para Israel.

A importância do culto, realizado no templo sob a responsabilidade dos sacerdotes, torna-se imprescindível, pois o objetivo final seria a libertação da penúria. YHWH é invocado para que tenha compaixão e responda aos apelos do povo, num momento de crise, recordando os grandes feitos do passado (cf. Ex 15; Jz 4–5).

⁵⁴ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 38.

Este fato não seria um sinal que culminaria com o fim da história, mas um símbolo que apontaria YHWH chegando com força arrebatadora, como no vento, fazendo justiça aos de reto coração e punindo os perversos, trazendo a benéfica chuva (cf. Jl 2,21) e pelo espírito, sopro divino, capacitando a invocação de seu nome (cf. Jl 3,1-5).⁵⁵

2.4.5.

O yôm YHWH dentro de uma nova interpretação⁵⁶

Os livros proféticos são entendidos e estudados como uma obra literária que preservou a palavra de YHWH em forma de oráculos. Encontram-se, nestes oráculos, anúncios de salvação e também anúncios de condenação direcionados para Israel, para Judá-Jerusalém e para as nações estrangeiras. A palavra dirigida às nações estrangeiras, segundo a compreensão profética da ação divina, extrapola os horizontes do povo eleito, revelando, no fundo, a disposição de YHWH agir em escala universal.

Todas as teses relacionadas acima deixam entrever uma notória dificuldade no momento de terem seus paradigmas estabelecidos de forma mais coerente.

Nesta nova proposta de interpretação, o primeiro passo está no reconhecimento de que o escrito de Joel se encontra dentro de uma dinâmica unitária coerente nos temas que entrelaça, a saber: a) uma invasão de gafanhotos (cf. Jl 1,4; 2,25); b) um período de seca (cf. Jl 1,12.18), que ocasionaria o surgimento de incêndios naturais (cf. Jl 1,19.20); c) uma referência à invasão inimiga, terrível e devastadora (cf. Jl 1,6-7); d) a convocação à conversão sincera (cf. Jl 2,12-14); e) o derramamento do espírito sobre “toda a carne” (cf. Jl 3,1-2); f) a santificação de uma guerra com o julgamento divino sobre as nações estrangeiras (cf. Jl 4,9); e g) o anúncio da chegada do yôm YHWH, que perpassa todos os quatro capítulos do livro (cf. Jl 1,5; 2,1.11; 3,4; 4,14).⁵⁷

⁵⁵ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 38-39.

⁵⁶ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 41-46.

⁵⁷ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 41-43.

Juntamente a estes temas, encontram-se outros igualmente relevantes: a) a apática inércia dos ouvintes do profeta (cf. Jl 1,3.5.8.11)⁵⁸; b) a penúria de ofertas para o culto no templo (cf. Jl 1,9.13-14.16); c) o sofrimento dos animais do campo (cf. Jl 1,18.20; 2,22); d) a convocação de uma assembleia litúrgica de índole penitencial, visando um pedido de perdão (cf. Jl 1,13-14; 2,15-17); e) a súplica do profeta (cf. Jl 1,19-20); f) o perdão e o restabelecimento da bênção agrícola (cf. Jl 2,19.20.22-24); g) a importância e estabilidade do monte Sião para os habitantes de Judá-Jerusalém (cf. Jl 2,1.15.18; 3,5; 4,17.20-21).

Todos estes temas, reunidos com habilidade à temática do *yôm* YHWH, colaboram para um texto unificado e coerente, revelando um discurso exortativo e convincente.

Segundo esta nova chave de compreensão, para se obter um pensamento unitário sobre o escrito, seria necessário não interpretar a temática do *yôm* YHWH através do prisma das catástrofes, pois esta abordagem somente levaria a uma compreensão reducionista e equivocada na explicitação da importância da fórmula teológica no livro de Joel.⁵⁹

Portanto, as catástrofes não formam a temática central do escrito, pois não explicam o sentido pleno para uma manifestação divina num *yôm* que pertence somente a YHWH. As teses sobre o *yôm* YHWH tornam-se questionáveis a partir do momento em que tratam a ação de YHWH como sendo, ora a favor do povo eleito, ora contra o povo eleito. YHWH não é “sim” e “não”, mas a sua ação pode causar um duplo efeito.

A expressão *yôm* YHWH em sua correlação sintático-gramatical, como elemento linguístico-temático e teológico, foi utilizada por Joel para dar sentido e explicar o tema da invasão de gafanhotos (se de fato ocorreu), o tema da seca, as catástrofes e também para enfatizar que uma guerra não significa uma simples punição divina, mas a ação do próprio YHWH como justo juiz, diante de seu povo e das nações opressoras.

⁵⁸ Segundo a compreensão de L. A. Fernandes, ao lado da apatia e inércia do povo, reconhece-se que transcorre em Joel um fervoroso interesse em demonstrar a soberania divina (uso frequente dos imperativos) que, a partir de Jl 2,12, crescerá em número, força e grau de ação.

⁵⁹ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 43.

Desta forma, a temática do *yôm* YHWH deve ser destacada em primeiro plano, mostrando a relevância dos subtemas, acentuando a ação salvífica de YHWH e seus desígnios unidos a partir de Sião e seu santuário.⁶⁰

Neste sentido, o *yôm* YHWH reveste-se e se mostra como uma ação temporal de YHWH, que vive no meio do seu povo e deve ser invocado como único Deus de Sião. A salvação acontecerá para além dos sofrimentos provocados pelas calamidades agrícolas, pois permitirá que o povo saia da apatia religiosa e de fé causadas pelas agressões e torturas submetidas pelos povos inimigos (cf. Jl 1,5-7; 4,1-8.19).

Diante destas considerações, pode-se assumir que este *yôm* não poderia figurar como uma investida de YHWH contra si mesmo, sua cidade e seu santuário. Este anúncio aparece como força profética persuasiva, para Joel propor as soluções que se apresentarão a partir do retorno sincero, da súplica sacerdotal e da decisão salvífica de YHWH, que muda a sorte do seu povo.⁶¹

Assim, a temática funciona como um elemento que ilumina e esclarece os fatos já realizados e, ao mesmo tempo, representa uma abertura de critério capaz de dar a chave de leitura para os possíveis acontecimentos.⁶²

Além de demonstrar a existência e a soberania de YHWH, este *yôm* manifestará a sua ação sobre o mundo, a partir da sua santa habitação, em Jerusalém, exaltando o seu povo oprimido e libertando-o da sua crise de fé (cf. Jl 2,23.26). Tal declaração confirma o fato de que YHWH é o único Deus da criação, do êxodo, da aliança, da história e um Deus desejoso por zelar por sua terra e se comover por seu povo eleito (cf. Jl 2,13.14.18).

Desta forma, seguindo estes aspectos citados, uma nova interpretação do *yôm* YHWH no livro de Joel é considerada. Esta nova chave interpretativa tem como características os seguintes elementos: a dicotomia, a crise agrícola, a

⁶⁰ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 44.

⁶¹ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 45.

⁶² O caráter futuro pode permanecer, sem a necessidade de se ver uma dimensão apocalíptica ou escatológica, pois uma ação futura será sempre um acontecimento “na e da” história. Um futuro para além da história já não seria um elemento temporal (cf. L.A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 45).

ausência de pecado e a crise de fé, simbolizada na apatia e inércia do povo de Judá-Jerusalém.⁶³

O mundo semítico sempre se mostrou envolto por uma atmosfera religiosa e de fé, não distinguindo entre dado natural e dado sobrenatural. Todos os fatos naturais eram julgados como efeitos das relações que se estabeleciam entre o humano e o divino. Uma dicotomia constituída entre realidades unitárias, para o mundo antigo, poderia significar o sinal de um rompimento nas relações assumidas, resultando em sanções morais justas. Estas poderiam envolver gêneros especiais de ação, como no culto de lamentação para se suplicar o perdão e receber a bênção da renovação do solo, restaurando a adoração no meio da comunidade em forma de ofertas levadas ao templo (cf. Dt 26,5-11).

Portanto, desvela-se no escrito de Joel alguns questionamentos, pois, além da situação que envolve a crise econômica com a carência de gêneros agrícolas, o profeta ainda deixa entrever uma nítida preocupação com os animais do campo (cf. Jl 1,18.20; 2,22), não mencionando qualquer culto sacrificial, diante da penúria já existente.

Torna-se, então, pertinente questionar: seria possível conceber e aceitar YHWH como fonte da qual procederia tanto a carestia quanto a salvação, revertendo uma situação de carente precariedade, a partir de uma sincera conversão de um pecado não explícito?

Considerando-se que existisse um pecado não mencionado, seria lícito questionar a respeito dele, a fim de descobrir qual motivo levaria YHWH a aplicar tal punição aos habitantes de Judá-Jerusalém e, no fundo, aplicando uma punição a “si mesmo”?

Contudo, o profeta silencia e não apresenta algum pecado que justifique tantos males sofridos pelo povo, da mesma forma, como não há qualquer menção direta de uma violação dos níveis da aliança sintetizada no decálogo. No entanto, se a punição fosse procedente, ficaria comprometida uma abordagem do livro de Joel, segundo a leitura deuteronomista, que entende uma compreensão da história numa linguagem de pecado-punição-súplica-libertação.⁶⁴

⁶³ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 46.

⁶⁴ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 48.

O escrito de Joel serviria de proposição profética, na questão do restabelecimento da bênção como se encontra no livro de Jó, de maneira que, no final, a situação se desenrola não pelo reconhecimento de um pecado explícito, mas pelo reconhecimento da insensatez da criatura em relação ao seu criador. Segundo este novo parecer, no caso de Joel, seria o reconhecimento da própria apatia e inércia em relação à fé em YHWH.⁶⁵

O culto sacrificial no livro de Jó (cf. Jó 42,7-9) mostrou-se eficaz para aplacar a ira divina contra os seus interlocutores e também para anteceder a bênção que devolveria os novos dons para o “justo sofredor”, embora esta bênção não trouxesse de volta os bens perdidos.

No escrito de Joel, a bênção refletiria a possibilidade da vida continuar existindo através de um culto sem ofertas a YHWH, mas oferecendo o rasgar do coração e não das vestes. Esta bênção também reverteria a condição de penúria, frente ao incômodo papel de YHWH como motivo de zombaria, diante dos povos inimigos (cf. Jl 2,13-17), confirmando que serão eles a receber a justa punição como juízo.⁶⁶

Assim, seria uma contradição considerar os males vindos de YHWH, pois estaria contrariando o sentido do restabelecimento da justiça e abriria espaço para uma reavaliação da ideia subjacente ao direito de YHWH entrar em litígio com o seu povo, tornando-o injusto, e ignorando a afirmação de que Ele é gracioso e compassivo (cf. Jl 2,13-14).

A índole insistente na temática do *yôm* YHWH é uma posição do profeta sobre os diversos problemas existentes e a compreensão deste anúncio representa a chave interpretativa a partir da estreita relação entre o *yôm* e YHWH diante da apática inércia da comunidade. A reunificação e restabelecimento da soberania de YHWH como único monarca contra as forças inimigas e humanas também seria um vínculo descrito na ação entre o *yôm* e YHWH ao longo do livro.

⁶⁵ Os elementos da convocação de Jl 1,2-3.5 buscam tirar a comunidade da apatia e da inércia que estão tendo diante das dificuldades agrícolas e da ação dos inimigos, provocando uma solução religiosa pela ação dos sacerdotes (cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 49).

⁶⁶ O pedido de piedade se faz visando a salvação, demonstrando assim a soberania de YHWH, não deixando que as nações o ridicularizem. Tal súplica está em função do zelo que somente YHWH pode e deve demonstrar por si mesmo. Não há menção, na fala dos sacerdotes, às carestias, mas à maldade dos inimigos que não poderia permanecer impune (cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 49).

Se, com Amós, o *yôm* YHWH é interpretado como um dia de punição para as nações estrangeiras e inimigas, como também contra os ímpios do próprio povo, com Joel, este dia de juízo passa de uma situação de penúria econômico-religiosa, para Judá-Jerusalém, para um futuro promissor pela ação soberana de YHWH com o seu povo reunido em Sião.⁶⁷ O *yôm* YHWH pode ser visto como uma ação única capaz de executar, na sua vinda, um duplo efeito: uma punição, que traz uma bênção, e uma bênção, que comporta uma punição. Estes seriam os dois efeitos do juízo divino.

Uma via de saída do mal, para aqueles que ouvem e aderem à palavra do profeta, implica uma graça divina em ação, que não prescinde da atitude humana, mas a supõe como elemento necessário, mostrando que os dois efeitos, punição e salvação, interagem no juízo.⁶⁸

Os resultados alcançados com o culto após a descrição do *yôm* YHWH serão: a bênção agrícola, o aniquilamento do inimigo setentrional, a efusão do espírito, o dom da invocação do nome divino, a libertação dos cativos, a reunião dos dispersos, a vitória sobre as nações inimigas, culminando com a exaltação da soberania de YHWH, que pune pelo sangue inocente derramado (cf. Jl 4,19-21).⁶⁹

Desta forma, o *yôm* YHWH não seria apenas um tema que se repete em todos os capítulos do livro, mas a temática central que deve ser compreendida com um único sentido, quando se trata da ação de YHWH para com seu povo eleito. Assim, o *yôm* YHWH seria uma manifestação da ação salvífica divina para Judá-Jerusalém e uma ação punitiva para aqueles povos que subjugaram o povo eleito. Lido dentro desta ótica, o livro de Joel revela uma temática unitária, com sentido teológico coerente, que afastaria a dicotomia que historicamente foi se formando em relação à obra. Ao longo do escrito, a salvação de YHWH vai se desvelando gradualmente, a partir de uma condição de calamidade natural, que atinge todas as esferas no âmbito social, cultural e religioso (cf. Jl 1-2), para uma situação de prosperidade agrícola e de liberdade diante das nações inimigas (cf. Jl 4,18-21). Ao mesmo tempo, a própria relação do povo também é transformada: da

⁶⁷ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 50.

⁶⁸ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 22.

⁶⁹ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 51.

apatia e do afastamento, para um retorno sincero para YHWH, que envolveria não apenas os ritos puramente externos, mas um gesto interior sincero: “com todo o coração” (Jl 2,12).

Diferente da interpretação da maioria dos comentadores, onde o sofrimento da comunidade está relacionado a um pecado implícito, nesta pesquisa defende-se que não existe de fato um pecado, mas uma condição de apatia, uma completa inércia do povo, diante da realidade de carência e sofrimento.⁷⁰ Assim, não se poderia associar o *yôm* YHWH à penúria agrícola provocada pela invasão de gafanhotos, estiagem, infecundidade do solo e conseqüente impossibilidade de oferendas para o templo, ou à invasão inimiga. Este *yôm* seria a salvação divina, agindo de forma progressiva em favor de Judá-Jerusalém, e, ao mesmo tempo, realizando um juízo contra as nações opressoras.⁷¹

Na medida em que esta nova interpretação se impõe, a maneira de se ler Jl 2,12-18 deve ser também repensada, uma vez que, esta unidade textual se encontra dentro de um universo teológico que revela a ação salvífica do *yôm* YHWH na história do povo eleito. Portanto, o retorno em Jl 2,12-18 não se justificaria como uma conversão pelos pecados praticados pelo povo de Judá-Jerusalém, seria, antes de tudo, uma volta a YHWH pedindo ajuda num contexto de crise, penúria e sofrimento. Da mesma forma, o retorno seria ocasião privilegiada para o reavivamento dos laços de comunhão e de fidelidade do povo eleito para com YHWH.

⁷⁰ Entende-se por apatia, no livro de Joel, uma condição humana de inércia, de total indiferença física e espiritual em relação à possibilidade de reação. Tal condição, poderia ser evidenciada pelo imperativo “desperta!” (cf. Jl 1,5), proclamado pelo profeta àqueles que estão numa condição de torpor e de embriaguez (cf. Jl 1,3.5.8.11).

⁷¹ Uma vez que não se refere a nenhuma culpa em particular, o oráculo tem um amplo alcance, supondo que seja um relaxamento geral do espírito, do qual os destinatários do oráculo devem se libertar (cf. G. BERNINI, *Sofonia, Gioele, Abdia, Giona*. Roma: Paoline, 1983, p. 152-153). L. A. Fernandes (*O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 43) fala da inércia e apatia que devem se superadas.